

Pode a educação atenuar o crescimento do populismo e da extrema-direita? O papel da escolaridade e das experiências educacionais na construção da democracia

Can education mitigate the rise of populism and the far-right? The role of schooling and
educational experiences in the construction of democracy

L'éducation peut-elle atténuer la montée du populisme et de l'extrême droite? Le rôle de l'école
et des expériences éducatives dans la construction de la démocratie

Ricardo Soares, Pedro Ferreira & Carla Malafaia*

CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da
Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Resumo

Os atuais sistemas democráticos enfrentam uma série de desafios – populismo, polarização e desdemocratização – que ameaçam o seu funcionamento e vitalidade. Estes perigos acentuam a necessidade de se pensar na importância da educação, nomeadamente dos contextos de educação formal, para atenuar a proliferação de posicionamentos antidemocráticos, populistas e excludentes. Os dados de um inquérito por questionário respondido por 1047 jovens-adultos/as (18–30 anos) mostram que o grau de escolaridade e a vivência de um clima educacional democrático têm um papel fundamental no desenvolvimento de atitudes mais democráticas, inclusivas e plurais. Concretamente, essas duas variáveis educacionais têm um papel significativo na orientação ideológica: menores níveis de escolaridade estão associados a posicionamentos ideológicos mais à direita e os/as jovens-adultos/as de extrema-direita reportam vivências universitárias menos democráticas. Adicionalmente, os resultados mostram que a relação entre o apoio à democracia e uma maior confiança nas instituições políticas é mediada por experiências universitárias mais democráticas. Do mesmo modo, este tipo de experiências atenuam o papel das atitudes populistas na desconfiança institucional. Com efeito, é imprescindível discutir o papel democrático e político das escolas e das universidades a partir da sua dimensão contextual e processual.

Palavras-chave: democracia, educação, experiências educacionais democráticas, grau de escolaridade, jovens-adultos/as

Abstract

Today's democratic systems face several challenges – populism, polarisation and de-democratisation – threatening their functioning and vitality. These dangers underline the need to reflect on the importance of education, mainly in formal educational contexts, in mitigating the spread of antidemocratic, populist and exclusionary positions. Data from a surveyed sample of 1047 young adults (aged 18–30) show that educational attainment and experiences of a democratic educational climate play a fundamental role in developing more democratic, inclusive and pluralistic attitudes.

* *Correspondência:* carlamalafaia@fpce.up.pt

Concretely, those two educational variables play a significant role in shaping ideological orientation: lower levels of educational attainment are associated with more right-wing ideological positions, and extreme right-wing young adults report less democratic university experiences. Additionally, the results show that more democratic university experiences mediate the relationship between democratic support and greater trust in political institutions. Likewise, such experiences mitigate the role of populist attitudes in institutional distrust. Therefore, it is essential to discuss the democratic and political role of schools and universities from a contextual and processual perspective.

Keywords: democracy, education, educational attainment, democratic educational experiences, young adults

Résumé

Les systèmes démocratiques d'aujourd'hui sont confrontés à plusieurs défis – populisme, polarisation et dé-démocratisation – qui menacent leur fonctionnement et leur vitalité. Ces dangers soulignent la nécessité de réfléchir à l'importance de l'éducation, principalement dans les contextes éducatifs formels, pour atténuer la propagation des positions antidémocratiques, populistes et d'exclusion. Les données d'une enquête menée auprès d'un échantillon de 1047 jeunes adultes (âgés de 18 à 30 ans) montrent que le niveau d'éducation et l'expérience d'un climat éducatif démocratique jouent un rôle fondamental dans le développement d'attitudes plus démocratiques, plus inclusives et plus pluralistes. En outre, ces deux variables jouent un rôle significatif dans l'orientation idéologique: un niveau d'éducation inférieur est associé à des positions idéologiques plus à droite et les jeunes adultes d'extrême droite font état d'expériences universitaires moins démocratiques. Les résultats montrent également que des expériences universitaires plus démocratiques jouent un rôle médiateur dans la relation entre le soutien démocratique et une plus grande confiance dans les institutions politiques. De même, de telles expériences atténuent le rôle des attitudes populistes dans la méfiance à l'égard des institutions. Il est donc essentiel de discuter du rôle démocratique et politique des écoles et des universités dans une perspective contextuelle et procédurale.

Mots-clés: démocratie, éducation, expériences éducatives démocratiques, jeunes adultes, niveau de scolarité

Introdução: desafios para a democracia

“As portas que Abril abriu nunca mais ninguém as cerra.” Esta convicção de Ary dos Santos (1975) é hoje declamada com maior hesitação e incerteza. Por (infeliz) coincidência, no ano em que Portugal celebra os 50 anos do fim do regime ditatorial e da instauração da democracia, o partido Chega! – partido populista de direita-radical (Mendes, 2022) – alcançou um resultado impressionante (Marchi & Zúquete, 2024) ao eleger 50 deputados/as nas recentes eleições legislativas (Comissão Nacional de Eleições, 2024). Com efeito, os atuais sistemas democráticos, incluindo o português, enfrentam uma série de desafios que ameaçam o seu funcionamento e vitalidade.

Primeiramente, vivemos a era do(s) populismo(s) (Mudde, 2016). Observa-se a intensificação de narrativas políticas assentes na ideia de que a sociedade está maniqueisticamente dividida em dois grupos, (intra) homogêneos e (inter) antagónicos: o povo (puro, virtuoso) em oposição às elites (más, corruptas) (Mudde & Kaltwasser, 2017). Os atores populistas ultrasimplificam as ideias no debate político, oferecendo soluções simples para problemas complexos (Moffitt, 2016). Além disso, verifica-se a hiperbolização do apelo às emoções (Caiani & Di Cocco, 2023; Nguyen et al., 2022), com repercussão no recrudescimento de sentimentos de ameaça, insegurança e raiva dos/as cidadãos/ãs (Guiso et al., 2024; Marcus, 2021).

Em segundo lugar, os tempos correntes são de forte polarização política (Casal Bértoa & Rama, 2021). A arena política é vista como um ringue, onde de um canto estão as pessoas que pensam como eu (certas, 'boas da fita') e do canto inimigo estão as pessoas que pensam de modo diferente (erradas, 'más da fita').

O objetivo desta luta contenciosa e hostil é ser-se vencedor/a (Iyengar et al., 2019), ao invés de se estabelecer compromissos e consensos resultantes do diálogo plural entre *diferentes* (Arendt, 1955/1995).

Por fim, navegamos por uma maré de “desdemocratização” (Brown, 2006). Por um lado, observa-se o declínio na qualidade da democracia em vários países (International Institute for Democracy and Electoral Assistance, 2023). Por outro, intensificam-se os posicionamentos negativos acerca do sistema democrático (Appadurai, 2017; Diamond, 2015). As gerações mais jovens parecem assumir destaque nesta “desconsolidação democrática” (Foa & Mounk, 2016), mostrando-se críticas do funcionamento da democracia e desconfiadas da idoneidade das suas instituições (Foa & Mounk, 2017; Mounk, 2018). A literatura tem revelado que esta insatisfação pode resultar na recetividade dos/as jovens a alternativas autoritárias e ultranacionalistas (Eatwell & Goodwin, 2018; Foa & Mounk, 2019). Concretamente, nas últimas eleições legislativas os/as jovens portugueses/as mostraram um comportamento eleitoral preocupante, com um elevado apoio ao partido Chega! (Almeida & Rodríguez-Pose, 2024).

São, assim, vários os perigos para os regimes democráticos. De facto, a democracia é uma conquista (Winnicott, 1950) e um desafio permanente que nos obriga a estar atentos/as e a agir no sentido de a preservar e renovar. Com efeito, mesmo que os contextos de educação formal não constituam uma panaceia (Sant & Brown, 2020), importa pensar na sua importância enquanto espaços de educação política e de vivência e aprendizagem democrática (Barbosa, 2020; Menezes et al., 2019). Este artigo procura contribuir para esta reflexão, sublinhando a relação indissociável entre Educação e Democracia (Dewey, 1916/2007). Os dados de um inquérito por questionário respondido por 1047 jovens-adultos/as permitem compreender que: i) o grau de escolaridade e a vivência de um clima educacional democrático têm um papel significativo na orientação ideológica e são fundamentais para o desenvolvimento de atitudes mais democráticas, inclusivas e plurais; ii) experiências universitárias democráticas medeiam a relação entre o apoio à democracia e uma maior confiança nas instituições políticas, e atenuam o papel das atitudes populistas na desconfiança institucional.

Na secção seguinte, detalhamos o que a literatura tem revelado sobre o papel da escolaridade e das experiências educacionais na aproximação à política e à democracia. Posteriormente, apresentamos o desenho metodológico do nosso estudo: o instrumento quantitativo, a amostra, os procedimentos de recolha e análise dos dados e as questões de investigação. Na secção dos resultados, auscultamos a saúde democrática dos/as jovens-adultos/as, descrevendo as suas atitudes políticas e as diferenças ao nível do género, local de habitação e situação estudantil. Ademais, exploramos o papel de experiências educativas formais democráticas e do grau de escolaridade nas atitudes políticas e na orientação ideológica. Por fim, analisamos o papel mediador de experiências universitárias democráticas na relação entre atitudes populistas, apoio à democracia e confiança nos órgãos institucionais. Concluimos o artigo discutindo a imprescindibilidade de pensar no papel democrático e político dos contextos de educação formal a partir da sua dimensão contextual e processual.

O papel da escolaridade e das experiências educacionais na aproximação à política e à democracia: o que nos diz a literatura?

Segundo Lima (2021), vivemos uma crise da democracia na educação. A preocupação com a capacitação democrática e política dos/as estudantes é preterida em favor de lógicas neoliberais de formação de “capital humano” (Brown, 2016). Não se trata, por certo, de algo novo. Charlot (2004) tinha já assinalado que a educação é cada vez mais pensada em termos de acesso ao mundo do trabalho e a esse facto se encontra subordinada. No entanto, numa era de fortes riscos para a democracia (Runciman, 2019), a renúncia da educação, designadamente a formal, à sua dimensão axiológica e política (Lima, 2021), e ao seu papel na promoção e proteção dos sistemas democráticos (Culp et al., 2023; Tiefenthal & Brandt, 2022), acresce uma ameaça que necessita de um olhar atento e crítico (Estellés & Castellví, 2020). Este artigo contribui para esta reflexão ao analisar o modo como o grau de escolaridade e as experiências educacionais em clima democrático influenciam as atitudes políticas e os posicionamentos ideológicos de jovens-adultos/as.

A literatura assinala que a escolaridade é uma variável essencial para a aproximação dos/as cidadãos/ãs à política e à democracia. Concretamente, verifica-se uma associação positiva entre níveis de escolaridade mais elevados e o interesse e a participação política (Bovens & Wille, 2021); a confiança nos órgãos institucionais (Ugur-Cinar et al., 2020); os valores democráticos (Kołczyńska, 2020); e atitudes menos excludentes (Coenders & Scheepers, 2003) e mais progressistas (Weakliem, 2002). Os estudos também têm examinado o papel do grau de escolaridade no apoio ao populismo: as pessoas com níveis de escolaridade mais baixos tendem a ter níveis mais elevados de atitudes populistas (Santana-Pereira & Cancela, 2020) e a votar mais em partidos populistas de direita (Heyne & Manucci, 2021).

A vida democrática dos contextos de educação formal – escolares (Geboers et al., 2013) e universitários (Thomas & Hartley, 2011) – também assume um papel relevante (Noack & Eckstein, 2023). A capacitação política dos/as mais jovens advém da sua pertença a “espaços democráticos” (Collins et al., 2019) promotores de justiça, dissenso e participação (Holloway, 2021; Nathan et al., 2024).

Kiess (2021) assinala que os/as cidadãos/ãs de nove países europeus com experiências escolares e universitárias mais democráticas são também quem participa mais politicamente e quem confia mais nas instituições políticas. De facto, a investigação mostra que a vivência de um clima escolar aberto, justo e assente em valores democráticos está positivamente associada à confiança institucional (Barber et al., 2015) e ao envolvimento cívico e político (Lenzi et al., 2014). Concomitantemente, há quem observe que vivências escolares negativas e injustas contribuem para atitudes populistas (Jungkunz & Weiss, 2024) e para a desconfiança na política (Bruch & Soss, 2018).

Alguns/mas autores/as também destacam as potencialidades políticas de ambientes educativos que promovam a discussão e reflexão crítica sobre temáticas sociais e políticas (Levinson, 2014; Piedade et al., 2023; Torney-Purta, 2010), nomeadamente no aumento dos níveis de interesse e de eficácia política (Schulz et al., 2018; Tzankova et al., 2021). Outros estudos sublinham o papel relevante que a escola deve ter no envolvimento em questões europeias (Caetano et al., 2016) e no pensamento crítico sobre a realidade social

(Piedade et al., 2020). Por fim, a investigação mostra que as atitudes democráticas liberais dos/as cidadãos/ãs estão relacionadas com oportunidades educativas de discussão entre pontos de vista diversos e de participação nas tomadas de decisão (Boda et al., 2022; Torney-Purta et al., 2008).

Apesar destas conclusões, é possível constatar que a investigação quantitativa sobre atitudes políticas, por exemplo sobre a adoção de ideias populistas (Santana-Pereira & Cancela, 2020), tende a olhar predominantemente para o papel da escolaridade. Argumentamos que é necessário aprofundar a exploração empírica dessa relação, considerando o modo como a experiência escolar é vivida (Noack & Eckstein, 2023). Ademais, importa também incluir nesta análise outras atitudes políticas menos exploradas e de particular interesse no corrente panorama democrático (e.g., atitudes anti-imigração, autoritaristas e pluralistas).

Metodologia

Instrumento e recolha de dados

Este artigo utiliza dados de um inquérito por questionário administrado de forma *online* a pessoas jovens adultas (entre os 18 e os 30 anos) em Portugal. Os dados foram recolhidos entre março e julho de 2023. Este estudo procurou uma amostra diversificada no que respeita ao *background* demográfico, político e socioeconómico dos/as participantes. O instrumento quantitativo foi divulgado em diversos contextos – instituições de ensino superior, centros de formação profissional, juventudes partidárias, associações e coletivos ativistas juvenis, páginas de redes sociais – de diferentes geografias (urbanas, semiurbanas e rurais). Todas as pessoas participantes foram previamente informadas sobre a investigação e salvaguardámos todas as questões éticas, nomeadamente a confidencialidade e o anonimato dos dados. Assim, os/as inquiridos/as puderam decidir voluntariamente sobre a sua participação no estudo.

O inquérito por questionário compreende uma série de escalas maioritariamente relacionadas com dimensões socioeconómicas, educacionais e políticas. A primeira parte do instrumento inclui um conjunto de itens relativos a informações demográficas e socioeconómicas: idade, género, nacionalidade, região (NUT II), local de habitação (aldeia, vila ou cidade pequena, subúrbios ou arredores de uma cidade grande, cidade grande) e rendimento familiar (1 = não cobre “de forma nenhuma” todas as necessidades; 4 = cobre “totalmente” todas as necessidades).

A segunda parte engloba sobretudo aspetos educacionais. Caso as pessoas inquiridas se encontrem a estudar, os itens relacionam-se com o nível de ensino e o tipo de instituição e de curso frequentado. Se as pessoas participantes não forem estudantes, questiona-se o seu grau de escolaridade e a sua situação profissional atual. Além disso, incluiu-se uma questão sobre o clima democrático nas experiências, atuais ou passadas, na escola ou faculdade, com 9 itens¹ (e.g., “Na nossa faculdade, os pedidos dos/as estudantes

¹ A formulação destes itens era alterada conforme se tratassem de experiências presentes ou passadas, em contextos escolares ou universitários. Por exemplo, no caso de uma pessoa que já não se encontre a estudar e tenha um grau de escolaridade igual ou inferior ao ensino secundário: “Os/as estudantes da nossa *escola podiam* influenciar a forma como a *escola era gerida*”. Caso a

eram levados a sério”, “Eu aprendo na faculdade que é importante refletir criticamente sobre o que aprendemos”). Após a análise fatorial exploratória (AFE) – método de extração, máxima verossimilhança (MV) e rotação varimax – encontraram-se soluções unifatoriais, sendo os constructos descritos por todos os itens e apresentando uma boa consistência interna: *clima democrático escolar* (α de Cronbach = .87); *clima democrático escolar (passado)* (α de Cronbach = .76); *clima democrático faculdade* (α de Cronbach = .71); *clima democrático faculdade (passado)* (α de Cronbach = .79).

A terceira parte do instrumento inclui uma série de dimensões políticas, numa escala de Likert de 5 pontos desde “discordo totalmente” a “concordo totalmente”. As *atitudes populistas* (AFE, solução de MV de um fator, 31.8% de variância explicada; α de Cronbach = .78) foram avaliadas através de um conjunto de 8 itens: e.g., “Há grandes diferenças políticas entre as elites e o povo”. As *atitudes pluralistas* (AFE, solução de MV de um fator, 36.8% variância explicada, α de Cronbach = .67) foram medidas por 3 itens: e.g., “Numa democracia é importante fazer compromissos entre diferentes pontos de vista”. As *atitudes anti-imigração* (AFE, solução de MV de um fator, 76.7% variância explicada, α de Cronbach = .91) foram mensuradas por 3 itens: e.g., “A imigração em Portugal devia ser parada”. As *atitudes autoritaristas* (AFE, solução de MV de um fator, 54.8% variância explicada, α de Cronbach = .78) foram avaliadas por 3 itens: e.g., “Em vez de direitos cívicos e liberdades, o nosso país precisa de uma coisa: lei e ordem”. O *apoio ao regime democrático* (AFE, solução de MV de um fator, 46% variância explicada, α de Cronbach = .76) foi medido por 3 itens: e.g., “A democracia é o melhor sistema de governo que conheço”. O instrumento também contém uma pergunta acerca do nível de confiança em diversos órgãos institucionais (governo nacional, partidos políticos, etc.). As opções de resposta variam de 1 (muito pouca confiança) a 5 (extrema confiança). Todos os itens foram incluídos no constructo *confiança institucional* (α de Cronbach = .85). Por último, o inquérito por questionário contempla um item relativo ao posicionamento ideológico, numa escala de 1 (extrema-esquerda) a 10 (extrema-direita).

Amostra

Participaram no inquérito por questionário 1047 pessoas (530 do género feminino, 481 do género masculino e 16 que se identificam com outro género), com uma média de idade de 22.96 anos ($DP = 3.64$). Destes/as respondentes, 983 são cidadãos/ãs portugueses/as e 49 são cidadãos/ãs de outras nacionalidades. Os/as jovens-adultos/as inquiridos/as residem em todas as regiões de Portugal: Norte (49.5%), Centro (22.1%), Área Metropolitana de Lisboa (20.3%), Alentejo (2.9%), Algarve (2.1%), Região Autónoma da Madeira (0.8%) e Região Autónoma dos Açores (2.3%). Ademais, 78% das pessoas participantes são estudantes, a grande maioria no ensino superior (95.5%). Relativamente ao grau de escolaridade dos/as inquiridos/as que já não estudam (22%), 2.2% dos/as participantes têm uma escolaridade inferior ou igual ao 3.º ciclo do ensino básico, 21.7% terminaram o ensino secundário e 76.1% concluíram algum curso do ensino superior.

pessoa inquirida seja um/a estudante de um curso no ensino superior: “Os/as estudantes da nossa *faculdade podem* influenciar a forma como a *faculdade é gerida*”.

Na Tabela 1 encontram-se outros dados relativos à caracterização da amostra², incluindo outras dimensões além das já referidas: distribuição por rendimento do agregado familiar, local de habitação, tipo de curso e instituição de ensino superior frequentado, e situação profissional.

Questões de investigação e análise dos dados

O atual crescimento do populismo e da extrema-direita (Valentim, 2024) apela à relevância de se aprofundar o papel da educação, nomeadamente dos contextos de educação formal, para atenuar a proliferação de posicionamentos antidemocráticos, populistas e excludentes. Com efeito, este artigo pretende dar resposta às seguintes questões de investigação:

- 1) Quais as atitudes políticas dos/as jovens-adultos/as e que diferenças existem ao nível do género, local de habitação e situação estudantil?
- 2) Que relação o grau de escolaridade e as experiências educacionais democráticas têm com as atitudes políticas e os posicionamentos ideológicos de jovens-adultos/as?

De forma a dar resposta à pergunta 1, realizámos uma análise descritiva juntamente com testes de diferenças (ANOVA, Testes-T) para examinar se e como as atitudes políticas de jovens-adultos/as diferem em função do género, do local de habitação e da situação estudantil. Posteriormente, realizámos testes de associação para aferir a relação entre as atitudes políticas dos/as inquiridos/as com experiências educativas formais democráticas (coeficiente de correlação de Pearson) e o seu grau de escolaridade (coeficiente de correlação de Spearman). Ademais, efetuámos análises de variância (ANOVA) para compreender se o clima democrático nas experiências educativas formais difere em função da ideologia dos/as jovens-adultos/as. Por fim, realizámos um teste de associação para explorar a relação entre o posicionamento ideológico (coeficiente de correlação Ponto-Bisserial) e o grau de escolaridade dos/as respondentes.

² As diferenças para as 1047 pessoas respondentes correspondem a casos sem resposta.

TABELA 1
Caraterização da amostra

		Frequência (<i>n</i>)	Percentagem (%)
rendimento do agregado familiar	de forma nenhuma	34	3.3%
	parcialmente	109	10.7%
	na sua maioria	324	31.6%
	totalmente	557	54.4%
local de habitação	cidade grande	348	33.8%
	subúrbios ou arredores de uma cidade grande	247	24%
	vila ou cidade pequena	311	30.2%
	aldeia	123	12%
ainda se encontra a estudar	jovens estudantes	817	78%
	jovens não-estudantes	230	22%
nível de ensino frequentado (caso sejam estudantes)	ensino secundário (científico-humanístico)	14	1.7%
	ensino secundário (tecnológico/profissional)	23	2.8%
	ensino superior	780	95.5%
tipo de instituição de ensino superior (caso sejam estudantes do ensino superior)	universidade	587	75.3%
	politécnico	193	24.7%
tipo de curso frequentado (caso sejam estudantes do ensino superior)	curso técnico superior profissional (CTeSP)	16	2.1%
	licenciatura	458	58.7%
	mestrado	248	31.8%
	doutoramento	58	7.4%
situação profissional (se não se encontrarem a estudar)	trabalho a tempo inteiro	170	73.9%
	trabalho a tempo parcial	19	8.3%
	desempregado (à procura de emprego)	27	11.7%
	não trabalho e não procuro emprego	8	3.5%
	outro	6	2.6%

Análises recentes mostram que a desconfiança nos órgãos institucionais é o preditor mais forte das atitudes populistas dos/as jovens-adultos/as portugueses/as (Soares, Ferreira & Malafaia, *forthcoming*). A investigação também tem revelado que o apoio à democracia está positivamente relacionado com a confiança institucional (Jamal & Nooruddin, 2010). Deste modo, interessa também responder às seguintes questões de investigação:

- 3) Será que a relação entre atitudes populistas e a confiança institucional é mediada por experiências educacionais democráticas?
- 4) Qual o efeito mediador de experiências educacionais democráticas na relação entre o apoio à democracia e a confiança nos órgãos institucionais?

Para tal, conduzimos uma análise de mediação utilizando o Hayes' Process 4.2. Os intervalos de confiança (IC) foram estimados com recurso à técnica do *bootstrapping*. Os dados foram analisados com o auxílio dos softwares IBM SPSS Statistics 29 e Jamovi versão 2.5.4.

Resultados

Os dados mostram que as atitudes populistas – concordância com as ideias de anti-elitismo e de homogeneidade e soberania do povo (Mudde, 2021) – estão difundidas entre os/as inquiridos/as ($M = 3.59$, $DP = .62$). Os/as jovens-adultos/as apresentam um forte apoio ao regime democrático ($M = 4.25$, $DP = .81$) e ao pluralismo ($M = 4.14$, $DP = .71$), apesar de confiarem medianamente nos órgãos institucionais ($M = 2.52$, $DP = .68$). As pessoas respondentes também mostram níveis baixos de atitudes anti-imigração ($M = 2.06$, $DP = 1.14$) e valores médios de atitudes autoritaristas ($M = 2.72$, $DP = 1.03$). Os/as jovens-adultos/as apresentam um posicionamento ideológico heterogêneo: 12.2% das pessoas são de extrema-esquerda, 33.4% de esquerda, 30.1% dos/as inquiridos/as têm uma ideologia de centro, 16.5% são de direita e 7.8% dos/as respondentes assumem posições de extrema-direita. Quanto às suas experiências educativas formais, as pessoas inquiridas tendem a relatar um clima medianamente democrático: $M_{\text{escola}} = 3.09$, $DP = .87$; $M_{\text{escola (passado)}} = 2.67$, $DP = .71$; $M_{\text{faculdade}} = 3.30$, $DP = .59$; $M_{\text{faculdade (passado)}} = 2.93$, $DP = .69$.

Atitudes políticas dos/as jovens-adultos/as: diferenças ao nível do género, local de habitação e situação estudantil

A Tabela 2 apresenta a análise descritiva das atitudes políticas das pessoas inquiridas por género, local de habitação e situação estudantil.

Observam-se diferenças de género significativas nas atitudes políticas dos/as jovens-adultos/as: *atitudes pluralistas* [$F(2, 972) = 13.28$, $p < .001$, eta quadrado = .03], *atitudes anti-imigração* [$F(2, 978) = 37.81$, $p < .001$, eta quadrado = .07], *atitudes autoritaristas* [$F(2, 950) = 8.88$, $p < .001$, eta quadrado = .02], *apoio ao regime democrático* [$F(2, 964) = 3.29$, $p = .038$, eta quadrado = .01] e *confiança institucional* [$F(2, 944) = 15.41$, $p < .001$, eta quadrado = .03]. O Teste Post-Hoc de Bonferroni revelou que as pessoas do género feminino apresentam níveis significativamente superiores de pluralismo [$p < .001$], de apoio à democracia [$p = .032$] e de confiança nos órgãos institucionais [$p < .001$]. Além disso, as jovens-adultas mostram significativamente menos atitudes anti-imigração [$p < .001$] e autoritarismo [$p = .040$] do que os jovens-adultos.

Os resultados também indicam que o local de habitação das pessoas inquiridas influencia significativamente as suas atitudes políticas: *atitudes populistas* [$F(3, 867) = 4.59$, $p = .003$, eta quadrado = .02] e *atitudes autoritaristas* [$F(3, 953) = 5.68$, $p < .001$, eta quadrado = .02]. Os/as jovens-adultos/as que vivem em cidades grandes exibem níveis significativamente menores de atitudes populistas do que as pessoas que moram em vilas ou cidades pequenas [$p = .020$] e em aldeias [$p = .015$]. Os/as respondentes que residem em aldeias mostram níveis significativamente superiores de autoritarismo do que os/as jovens-adultos/as que habitam em cidades grandes [$p = .001$] e nos seus subúrbios ou arredores [$p = .002$].

Há também diferenças significativas entre as atitudes políticas dos/as jovens-adultos/as que se encontram a estudar e as pessoas não-estudantes: *atitudes pluralistas* [$t(988) = 2.00$, $p = .046$], *atitudes anti-imigração*

[t (995) = -6.22, p < .001], *apoio ao regime democrático* [t (981) = 2.25, p = .025] e *confiança institucional* [t (960) = 4.52, p < .001]. Os/as estudantes reportam níveis significativamente maiores de pluralismo, de apoio à democracia e de confiança nos órgãos institucionais e valores significativamente menores de atitudes anti-imigração.

TABELA 2

Análise descritiva das atitudes políticas dos/as jovens-adultos/as por género, local de habitação e situação estudantil
[média (desvio-padrão)]

		atitudes populistas	atitudes pluralistas	atitudes anti- -imigração	atitudes autoritaristas	apoio ao regime democrático	confiança institucional
género	feminino	3.57 (.55)	4.26 (.56)	1.79 (.85)	2.64 (.90)	4.33 (.58)	2.66 (.57)
	masculino	3.58 (.68)	4.03 (.80)	2.35 (1.31)	2.80 (1.12)	4.20 (.95)	2.42 (.75)
	outro	3.95 (.58)	4.16 (.56)	1.13 (.42)	1.82 (.72)	4.25 (.56)	2.42 (.59)
local de habitação	cidade grande	3.50 (.64)	4.14 (.72)	1.97 (1.13)	2.62 (1.01)	4.29 (.85)	2.54 (.72)
	subúrbios ou arredores de uma cidade grande	3.56 (.65)	4.14 (.74)	2.02 (1.12)	2.61 (1.04)	4.30 (.81)	2.52 (.67)
	vila ou cidade pequena	3.65 (.58)	4.15 (.68)	2.04 (1.12)	2.76 (1.04)	4.24 (.72)	2.55 (.61)
	aldeia	3.72 (.53)	4.18 (.61)	2.27 (1.16)	3.03 (.96)	4.20 (.76)	2.48 (.68)
estudantes	jovens estudantes	3.58 (.58)	4.16 (.69)	1.94 (1.02)	2.69 (.98)	4.28 (.77)	2.58 (.63)
	jovens não- estudantes	3.59 (.74)	4.06 (.77)	2.47 (1.42)	2.79 (1.17)	4.15 (.92)	2.34 (.79)

O papel de experiências educativas formais e do grau de escolaridade nas atitudes políticas e na orientação ideológica

Os resultados demonstram que a vivência de um clima mais democrático nos contextos de educação formal pode ter um papel relevante no reforço das convicções democráticas dos/as jovens, aproximando-os/as de atitudes mais inclusivas e plurais. Concretamente, verifica-se que os/as inquiridos/as com experiências educativas formais mais democráticas tendem a apresentar: i) níveis mais baixos de atitudes populistas, anti-imigração e de autoritarismo; ii) maior apoio ao pluralismo e ao regime democrático; e iii) mais confiança nos órgãos institucionais. A Tabela 3 detalha os valores dos coeficientes de correlação de Pearson (r).

TABELA 3

Correlações entre atitudes políticas e clima democrático nas experiências educativas formais

	atitudes populistas	atitudes pluralistas	atitudes anti- -imigração	atitudes autoritaristas	apoio ao regime democrático	confiança institucional
Clima democrático escolar	.108	.554**	-.713***	-.307	.662***	.600***
Clima democrático escolar (passado)	-.102	.066	-.170	-.040	.360**	.387**
Clima democrático faculdade	-.037	.073	-.207***	-.058	.171***	.345***
Clima democrático faculdade (passado)	-.365***	.151	-.327***	-.185*	.239**	.474***

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Os dados também permitem compreender que os/as jovens-adultos/as com menores níveis de escolaridade revelam valores mais elevados de atitudes autoritaristas, populistas e anti-imigração. Concomitantemente, são as pessoas que apoiam menos o regime democrático e reportam menor confiança nos órgãos institucionais. A Tabela 4 apresenta os coeficientes de correlação de Spearman (r_s).

Há diferenças significativas ao nível do clima democrático nas experiências universitárias, presentes e passadas, em função do posicionamento ideológico dos/as jovens adultos/as³: *clima democrático faculdade* [$F(4, 632) = 5.25, p < .001, \eta^2 = .03$] e *clima democrático faculdade (passado)* [$F(4, 143) = 6.40, p < .001, \eta^2 = .15$]. O Teste Post-Hoc de Bonferroni permitiu perceber que os/as estudantes de extrema-direita reportam ter experienciado um clima menos democrático nas suas universidades, comparativamente com os/as estudantes de extrema-esquerda [$p = .002$], de esquerda [$p < .001$] e de centro [$p < .001$]. Relativamente aos/às jovens-adultos/as não-estudantes observa-se um padrão similar: as pessoas de extrema-direita relatam que as suas vivências universitárias passadas foram significativamente menos democráticas do que as das pessoas de esquerda [$p < .001$], de centro [$p < .001$] e de direita [$p = .010$]. A Tabela 5 detalha estes resultados.

Ademais, verifica-se que os/as jovens-adultos/as com menor grau de escolaridade tendem a possuir um posicionamento ideológico mais à direita, $r_{pb} = -.179, p = .010$.

TABELA 4

Correlações entre atitudes políticas e grau de escolaridade

	atitudes populistas	atitudes pluralistas	atitudes anti- -imigração	atitudes autoritaristas	apoio ao regime democrático	confiança institucional
grau de escolaridade	-.281***	.027	-.221***	-.184**	.301***	.264***

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

³ No que respeita ao clima democrático nas experiências escolares, presentes e passadas, os resultados não mostraram diferenças significativas em função do posicionamento ideológico dos/as jovens-adultos/as.

TABELA 5

Clima democrático nas experiências universitárias em função do posicionamento ideológico [média (desvio-padrão)]

	extrema-esquerda	esquerda	centro	direita	extrema-direita
Clima democrático faculdade	3.35 (.62)	3.34 (.55)	3.33 (.58)	3.18 (.65)	2.88 (.70)
Clima democrático faculdade (passado)	2.89 (.81)	3.14 (.57)	3.06 (.62)	2.90 (.76)	2.24 (.46)

O papel mediador de experiências universitárias democráticas

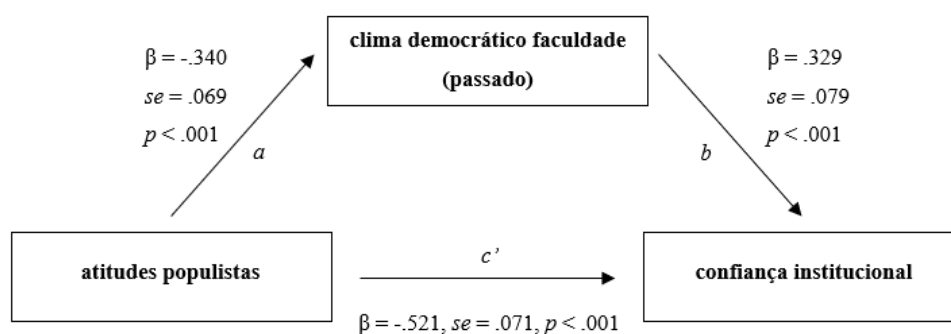
De forma a analisar o papel mediador de experiências universitárias democráticas passadas na relação entre as atitudes populistas e a confiança institucional, realizámos uma análise de mediação (Figura 1).

Os resultados mostram que o efeito das atitudes populistas no clima democrático das experiências universitárias passadas é negativo e significativo ($\beta = -.340$, $z = -4.90$, 95% IC [-.48, -.20], $p < .001$). O efeito do clima democrático das experiências universitárias passadas na confiança institucional é também significativo, mas positivo ($\beta = .329$, $z = 4.19$, 95% IC [.18, .48], $p < .001$). O efeito total do modelo é negativo e significativo ($\beta = -.633$, $z = -9.08$, 95% IC [-.77, -.50], $p < .001$). Observa-se que o efeito direto das atitudes populistas na confiança institucional é negativo e significativo ($\beta = -.521$, $z = -7.33$, 95% IC [-.66, -.38], $p < .001$). Finalmente, constata-se um efeito indireto negativo e significativo ($\beta = -.112$, $z = -3.18$, 95% IC [-.18, -.04], $p = .001$).

Com efeito, estes dados apontam que o clima democrático de experiências universitárias passadas medeia aproximadamente 17.7% da relação entre as atitudes populistas e a confiança nos órgãos institucionais.

FIGURA 1

Papel mediador de experiências universitárias passadas nas atitudes populistas e na confiança institucional



Nota: Reportam-se os valores dos coeficientes não-estandardizados. Amostras Bootstrap para IC: 5000 simulações.

Ademais, realizámos uma análise de mediação para aferir o papel mediador de experiências universitárias passadas democráticas na relação entre o apoio ao regime democrático e a confiança institucional (Figura 2).

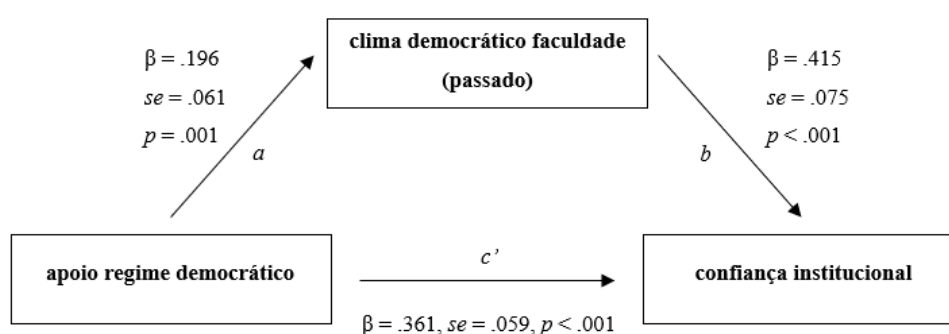
Os resultados revelam um efeito significativo do apoio à democracia no clima democrático de experiências universitárias passadas ($\beta = .196$, $z = 3.20$, 95% IC [.08, .32], $p = .001$), assim como o efeito

do clima democrático nas experiências universitárias passadas na confiança institucional ($\beta = .415$, $z = 5.55$, 95% IC [.27, .56], $p < .001$). O efeito total do modelo é positivo e significativo ($\beta = .442$, $z = 7.12$, 95% IC [.32, .56], $p < .001$). Observa-se também que o efeito direto do apoio à democracia na confiança institucional é positivo e significativo ($\beta = .361$, $z = 6.16$, 95% IC [.25, .48], $p < .001$). Por fim, constata-se um efeito indireto significativo ($\beta = .081$, $z = 2.78$, 95% IC [.02, .14], $p = .006$).

Com efeito, estes dados apontam que o clima democrático de experiências universitárias passadas medeia aproximadamente 18.4% da relação entre o apoio ao regime democrático e a confiança nos órgãos institucionais.

FIGURA 2

Papel mediador de experiências universitárias passadas no apoio ao regime democrático e na confiança institucional



Nota: Reportam-se os valores dos coeficientes não-estandardizados. Amostras Bootstrap para IC: 5000 simulações.

Discussão: a educação formal como uma das chaves-mestras para a democracia

O elevado apoio das pessoas mais jovens ao partido Chega! nas últimas eleições legislativas (Almeida & Rodríguez-Pose, 2024) apela a que a investigação, incluindo a investigação em educação, contribua para um entendimento mais profundo sobre o crescimento do populismo e da extrema-direita, considerando as suas implicações educativas e democráticas. Os nossos dados mostram algumas debilidades no estado de saúde democrática dos/as jovens-adultos/as portugueses/as inquiridos/as. Os níveis de apoio à democracia e ao pluralismo são um indicador de saudabilidade. Em contraste, os valores elevados de adesão às ideias populistas e a confiança mediana nos órgãos institucionais surgem como sintomas preocupantes.

Com efeito, assume particular relevância refletir sobre o papel da educação, nomeadamente da educação formal, no fortalecimento e aprofundamento da democracia. Sugerimos, a este respeito, que a escola e a universidade devam ser problematizadas a partir de duas dimensões. Primeiramente, os contextos educativos formais enquanto espaços de “educação para a democracia” (Culp et al., 2023), isto é, de formação, preparação e socialização política e de aprendizagem democrática (dimensão contextual). Complementarmente, como lugares de “educação como democracia”, ou seja, ambientes pedagógicos democráticos que conduzam a relações mais complexas e plurais com a política (dimensão processual).

Os nossos resultados corroboram a investigação anterior (Coenders & Scheepers, 2003; Kołczyńska, 2020) sobre o modo como o grau de escolaridade constitui uma variável significativa para sustentar a adesão

a posições antidemocráticas e excludentes: os/as jovens-adultos/as mais escolarizados/as apresentam menores níveis de atitudes autoritaristas, anti-imigração e populistas, e maior apoio ao regime democrático e confiança nos seus órgãos institucionais. Os/as jovens referem os contextos de educação formal como lugares de confiança e esperança para a sua educação cívica e política, isto é, como locais para aprender e fazer democracia (Malafaia et al., 2021; Menezes et al., 2019). Nesse sentido, é de vital importância uma educação política que reforce as práticas, princípios e valores democráticos (Barbosa, 2020; Hansen & James, 2015). Como refere Mursell (1955, p. 3), se os contextos de educação formal “de uma sociedade democrática não existem e não funcionam para manter e expandir a democracia, então, ou são socialmente inúteis, ou são socialmente perigosos”.

Apesar das acusações de proselitismo político (Zimmerman & Robertson, 2017), os contextos educativos formais são espaços de excelência para apreender conhecimentos políticos (e.g., acerca do funcionamento das instituições, das diferenças ideológicas e partidárias). Com efeito, sublinhamos a inevitabilidade de introduzir assuntos políticos atuais – como o populismo (Mårdh & Tryggvason, 2017) – de forma a escrutinar, analisar e discutir a sua complexidade. As escolas e universidades concedem pouca atenção e espaço para o debate sobre temas sociais e políticos controversos e fraturantes (Estellés & Castellví, 2020; Piedade et al., 2023). Ao abandonar estas problemáticas à sua porta, estes contextos negam aos/às estudantes a possibilidade de apropriação e extensão da sua visão acerca do mundo em que vivem. Como afirma Freire (1989), aprender a ler é, sobretudo, aprender a ler o mundo. Assim, e tal como os/as próprios/as jovens recomendam (Malafaia et al., 2022), importa criar um *habitus* educacional que inclua a disponibilidade de ouvir e integrar as agendas juvenis, assente num diálogo horizontal sobre política.

Num período de intensa polarização política, o papel dos contextos de educação formal na promoção de um sentido de democracia plural torna-se ainda mais premente (McAvoy & Hess, 2013). As escolas e universidades envolvem inevitavelmente a interação entre pessoas diferentes e, por isso, impõe-se a necessidade de fomentarem uma cultura que reforce o valor da pluralidade de pensamento e encoraje a argumentação de visões divergentes e conflituosas (Biesta, 2023; Nathan et al., 2024). Arendt (2005) assinala que a política lida com a associação, a coexistência e a relação entre seres humanos *diferentes*. Deste modo, é fundamental promover uma pedagogia do conflito (Ruitenberg, 2008) a partir da qual os/as jovens apreendam a natureza conflitual do político (Mouffe, 2000), encarando-a como uma forma negociada de construir compromissos democráticos a partir da relação entre adversários/as cujas ideias são combatidas sem colocar em causa a alteridade do/a outro/a.

Considerando que não se pode educar para a democracia a partir de práticas autocráticas (Gentili, 2000), importa que a democracia também deva ser praticada e vivida nos contextos de educação formal (Tiefenthal & Brandt, 2022; Zembylas, 2020), que são, aliás, espaços em que os/as jovens passam grande parte das suas vidas. Ou seja, privilegiar uma mundividência educativa de real inclusão dos/as estudantes nos processos decisórios da vida (política) quotidiana (Malafaia et al., 2022; Menezes et al., 2019; Sousa & Ferreira, 2024), onde, através de ações em contexto e pela prática (Lawy & Biesta, 2006), possam apropriar o seu significado enquanto cidadãos/ãs e construir, cognitiva e praxeologicamente, o seu lugar no mundo. Como advoga

Lima (2001), conceber os espaços educativos como ambientes de “participação praticada”. Os nossos dados demonstram efetivamente que experiências educativas formais mais democráticas – por exemplo, os/as estudantes terem influência nas tomadas de decisão e serem encorajados/as a formar, discutir e refletir criticamente sobre os seus pontos de vista – aproximam os/as jovens-adultos/as de atitudes mais democráticas, inclusivas e plurais. Além disso, observa-se que as experiências universitárias vividas em clima democrático têm um papel significativo na orientação ideológica: as pessoas de extrema-direita reportam vivências educacionais pautadas por menos oportunidades de expressarem as suas vozes, de serem levadas a sério e de refletirem sobre a relevância social do que aprendem. Adicionalmente, os nossos resultados mostram que a relação entre o apoio à democracia e uma maior confiança nas instituições políticas é mediada por experiências universitárias mais democráticas. Do mesmo modo, este tipo de experiências atenuam o papel das atitudes populistas na desconfiança institucional.

Em suma, neste artigo procurámos discutir como os contextos de educação formal podem atenuar os atuais desafios para os regimes democráticos. Estudos futuros poderão incluir outros métodos, nomeadamente qualitativos – em grupo (grupos de discussão focalizada), de natureza participatória (e.g., *hackathons*) e/ou naturalista (e.g., estudos etnográficos) –, de forma a aceder às perspetivas e experiências de estudantes, docentes e outros membros da comunidade educativa mais alargada (familiares e associações locais). Adicionalmente, a mobilização dos referidos métodos qualitativos permitiria, por um lado, articular dados provenientes de ‘autorrelato’ com dados observacionais em contexto. Por outro, possibilitaria a promoção de oportunidades metodologicamente democráticas de envolvimento de diferentes atores na investigação e, portanto, de co-produção de sentido sobre os dados recolhidos. Estas possibilidades futuras, que informarão também a continuação do nosso trabalho, contribuirão para aprofundar a compreensão sobre o papel que as escolas e universidades têm ou podem ter na construção da democracia. Em todo o caso, e acautelando a importância de se continuar a desenvolver investigação sobre este tema através de diferentes ângulos metodológicos e analíticos, é crucial partirmos do modo como as pessoas percebem, reportam e avaliam a qualidade (democrática e política) dos contextos que habitam e onde passam grande parte das suas vidas – desde logo, porque as interpretações sobre a realidade social são constitutivas da própria realidade.

Por fim, salientamos que é importante ter em mente que os processos de aprendizagem e de vivência democrática fora dos espaços formais são igualmente importantes e devem funcionar paralelamente. Ademais, seria erróneo, e até irrealista (Perrenoud, 2005), pensar que a educação política em contextos formais, por si só, pudesse neutralizar a desconfiança na democracia e o apoio a movimentos populistas e antidemocráticos. No entanto, é crucial que a democracia e a educação sejam pensadas conjuntamente. Conforme defende Dewey (1916/1980), a democracia tem de nascer a cada geração e a educação é a sua parteira. Com efeito, é essencial que olhemos para o papel das escolas e das universidades na formação de cidadãos/ãs democratas como uma das chaves-mestras para que, de facto, as *Portas que Abril abriu* não se cerrem.

Financiamento: Este trabalho foi cofinanciado pela União Europeia, através do Fundo Social Europeu, e por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no âmbito da bolsa de investigação para doutoramento n.º 2021.04599.BD; e pela FCT, no âmbito do financiamento plurianual atribuído ao Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) [bolsas n.º UIDB/00167/2020 e UIDP/00167/2020].

Referências bibliográficas

- Almeida, João, & Rodríguez-Pose, Andrés (2024). The geography of discontent and the rise of far-right politics in Portugal. *European Politics and Policy (EUROPP) blog of The London School of Economics and Political Science (LSE)*. <https://blogs.lse.ac.uk/europpblog/2024/03/26/the-geography-of-discontent-and-the-rise-of-far-right-politics-in-portugal/>
- Appadurai, Arjun (2017). O cansaço da democracia. In Heinrich Geiselberger (Ed.), *O grande retrocesso* (pp. 17–31). Objectiva.
- Arendt, Hannah (1995). *Qu'est-ce que la politique?* Seuil. (Obra original publicada em 1955)
- Arendt, Hannah (2005). *Introduction into politics*. Schocken Books.
- Barber, Carolyn, Sweetwood, Sachiko Ogata, & King, Makini (2015). Creating classroom-level measures of citizenship education climate. *Learning Environments Research*, 18(2), 197–216. <https://doi.org/10.1007/s10984-015-9180-7>
- Barbosa, Manuel G. (2020). Educação e democracia: Do risco de desarticulação a uma recomposição crítica. *Cadernos de Pesquisa*, 50(177), 759–773. <https://doi.org/10.1590/198053147147>
- Biesta, Gert (2023). Agonistic democracy and the question of education. In Julian Culp, Johannes Drerup, & Douglas Yacek (Eds.), *The Cambridge handbook of democratic education* (pp. 90–107). Cambridge University Press.
- Boda, Zsolt, Butkevičienė, Eglė, Mancosu, Moreno, Morkevicius, Vaidas, & Papp, Attila Z. (2022). *Democratic efficacy and schools curricula, institutions, and attitudes*. <https://openarchive.tk.mta.hu/517/>
- Bovens, Mark, & Wille, Anchrit (2021). Education, inequality, and political behavior. In William R. Thompson (Ed.), *Oxford research encyclopedia of politics*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228637.013.1772>
- Brown, Wendy (2006). American nightmare: Neoliberalism, neoconservatism, and de-democratization. *Political Theory*, 34(6), 690–714. <https://doi.org/10.1177/0090591706293016>
- Brown, Wendy (2016). *El pueblo sin atributos: La secreta revolución del neoliberalismo*. Malpaso.
- Bruch, Sarah K., & Soss, Joe (2018). Schooling as a formative political experience: Authority relations and the education of citizens. *Perspectives on Politics*, 16(1), 36–57. <https://doi.org/10.1017/s1537592717002195>
- Caetano, Andreia, Pinheiro, Sara, Sousa, Rita R., Doroftei, Alexandra, Macedo, Eunice, & Ferreira, Pedro D. (2016). Construindo cidadania europeia: Impactos de uma intervenção com jovens em escolas portuguesas. *Educação, Sociedade & Culturas*, 49, 11–30. <https://doi.org/10.34626/esc.vi49.165>
- Caiani, Manuela, & Di Cocco, Jessica (2023). Populism and emotions: A comparative study using machine learning. *Italian Political Science Review/Rivista Italiana di Scienza Politica*, 53(3), 351–366. <https://doi.org/10.1017/ipo.2023.8>
- Casal Bértoa, Fernando, & Rama, José (2021). Polarization: What do we know and what can we do about it? *Frontiers in Political Science*, 3, 687695. <https://doi.org/10.3389/fpos.2021.687695>
- Charlot, Bernard (2004). Educação, trabalho: Problemáticas contemporâneas convergentes. *Educação, Sociedade & Culturas*, 22, 9–25.
- Coenders, Marcel, & Scheepers, Peer (2003). The effect of education on nationalism and ethnic exclusionism: An international comparison. *Political Psychology*, 24(2), 313–343.

- Collins, Julia, Hess, Michael E., & Lowery, Charles L. (2019). Democratic spaces: How teachers establish and sustain democracy and education in their classrooms. *Democracy and Education*, 27(1). <https://democracyeducationjournal.org/home/vol27/iss1/3/>
- Comissão Nacional de Eleições. (2024). Mapa Oficial n.º 2-A/, de 23 de março. <https://www.cne.pt/content/mapa-oficial-no-2-a2024-de-23-de-marco>
- Culp, Julian, Drerup, Johannes, & Yacek, Douglas (2023). What is democratic education and why should we care? In Julian Culp, Johannes Drerup, & Douglas Yacek (Eds.), *The Cambridge handbook of democratic education* (pp. 3–12). Cambridge University Press.
- Dewey, John (1980). The need of an industrial education in an industrial democracy. In Ann Boydston (Ed.), *John Dewey the middle works* (pp. 137–143). Southern Illinois University Press. (Obra original publicada em 1916)
- Dewey, John (2007). *Democracia e Educação*. Didática Editora. (Obra original publicada em 1916)
- Diamond, Larry (2015). Facing up to the democratic recession. *Journal of Democracy*, 26(1), 141–155. <https://doi.org/10.1353/jod.2015.0009>
- Eatwell, Roger, & Goodwin, Matthew (2018). *National populism: The revolt against liberal democracy*. Pelican.
- Estellés, Marta, & Castellví, Jordi (2020). The educational implications of populism, emotions and digital hate speech: A dialogue with scholars from Canada, Chile, Spain, the UK, and the US. *Sustainability*, 12(15), 6034. <https://doi.org/10.3390/su12156034>
- Foa, Roberto S., & Mounk, Yascha (2016). The danger of deconsolidation: The democratic disconnect. *Journal of Democracy*, 27(3), 5–17. <https://www.journalofdemocracy.org/articles/the-danger-of-deconsolidation-the-democratic-disconnect/>
- Foa, Roberto S., & Mounk, Yascha (2017). The signs of deconsolidation. *Journal of Democracy*, 28(1), 5–15. <https://doi.org/10.1353/jod.2017.0000>
- Foa, Roberto S., & Mounk, Yascha (2019). Youth and the populist wave. *Philosophy & Social Criticism*, 45(9-10), 1013–1024. <https://doi.org/10.1177/0191453719872314>
- Freire, Paulo (1989). *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam*. Cortez.
- Geboers, Ellen, Geijsel, Femke, Admiraal, Wilfried, & Dam, Geert ten (2013). Review of the effects of citizenship education. *Educational Research Review*, 9, 158–173. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2012.02.001>
- Gentili, Pablo (2000). Qual educação para qual cidadania? Reflexões sobre a formação do sujeito democrático. In José C. Azevedo, Pablo Gentili, Andréa Krug, & Cátia Simón (Eds.), *Utopia e democracia na educação cidadã* (pp. 143–156). Editora da Universidade/UFRGS.
- Guiso, Luigi, Herrera, Helios, Morelli, Massimo, & Sonno, Tommaso (2024). Economic insecurity and the demand for populism in Europe. *Economica*, 91(362), 588–620. <https://doi.org/10.1111/ecca.12513>
- Hansen, David T., & James, Carmen (2015). The importance of cultivating democratic habits in schools: Enduring lessons from democracy and education. *Journal of Curriculum Studies*, 48(1), 94–112. <https://doi.org/10.1080/00220272.2015.1051120>
- Heyne, Lea, & Manucci, Luca (2021). A new Iberian exceptionalism? Comparing the populist radical right electorate in Portugal and Spain. *Political Research Exchange*, 3(1). <https://doi.org/10.1080/2474736X.2021.1989985>
- Holloway, Jessica (2021). Democracy and education: Why pluralism matters. In Jessica Holloway (Ed.), *Metrics, standards and alignment in teacher policy* (pp. 157–168). Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-33-4814-1_11
- International Institute for Democracy and Electoral Assistance. (2023). *The new checks and balances: The global state of democracy 2023*. <https://doi.org/10.31752/idea.2023.78>

- Iyengar, Shanto, Leikes, Yphtach, Levendusky, Matthew, Malhotra, Neil, & Westwood, Sean (2019). The origins and consequences of affective polarization in the United States. *Annual Review of Political Science*, 22(1), 129–146. <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-051117-073034>
- Jamal, Amaney, & Nooruddin, Irfan (2010). The democratic utility of trust: A cross-national analysis. *The Journal of Politics*, 72(1), 45–59. <https://doi.org/10.1017/s0022381609990466>
- Jungkunz, Sebastian, & Weiss, Julia (2024). Populist attitudes among teenagers: How negative relationships with socialization agents are linked to populist attitudes. *Perspectives on Politics*, 1-17. <https://doi.org/10.1017/s1537592724000434>
- Kiess, Johannes (2021). Learning by doing: The impact of experiencing democracy in education on political trust and participation. *Politics*, 42(1), 75–94. <https://doi.org/10.1177/0263395721990287>
- Kołczyńska, Marta (2020). Democratic values, education, and political trust. *International Journal of Comparative Sociology*, 61(1), 3–26. <https://doi.org/10.1177/0020715220909881>
- Lawy, Robert, & Biesta, Gert (2006). Citizenship-as-practice: The educational implications of an inclusive and relational understanding of citizenship. *British Journal of Educational Studies*, 54(1), 34–50. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8527.2006.00335.x>
- Lenzi, Michela, Vieno, Alessio, Sharkey, Jill, Mayworm, Ashley, Scacchi, Luca, Pastore, Massimiliano, & Santinello, Massimo (2014). How school can teach civic engagement besides civic education: The role of democratic school climate. *American Journal of Community Psychology*, 54(3–4), 251–261. <https://doi.org/10.1007/s10464-014-9669-8>
- Levinson, Meira (2014). Citizenship and civic education. In Denis C. Phillips (Ed.), *Encyclopedia of educational theory and philosophy* (pp. 134–138). SAGE.
- Lima, Licínio (2001). *A escola como organização educativa*. Cortez.
- Lima, Licínio (2021). Democracia e educação: Dewey em tempos de crise da educação democrática. *arquivo analíticos de políticas educativas*, 29, 154. <https://doi.org/10.14507/epaa.29.5881>
- Malafaia, Carla, Neves, Tiago, & Menezes, Isabel (2021). The gap between youth and politics: Youngsters outside the regular school system assessing the conditions for be(com)ing political subjects. *Young*, 29(5), 437–455. <https://doi.org/10.1177/1103308820987996>
- Malafaia, Carla, Piedade, Filipe, Ribeiro, Norberto, Ferreira, Pedro D., & Menezes, Isabel (2022). Perspetivas de jovens estudantes: A escola como contexto de educação para a cidadania e empoderamento político. In Isabel Menezes, Carla Malafaia, & Pedro D. Ferreira (Eds.), *Reinventar a cidadania europeia de jovens: As escolas como espaços de educação política* (pp. 59–79). CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas.
- Marchi, Riccardo, & Zúquete, José Pedro (2024). O populismo de extrema-direita em Portugal: A cultura política dos membros do Chega. *Análise Social*, 59(251), e22116. <https://doi.org/10.31447/2022116>
- Marcus, George E. (2021). The rise of populism: The politics of justice, anger, and grievance. In Joseph P. Forgas, William D. Crano, & Klaus Fiedler (Eds.), *The psychology of populism: The tribal challenge to liberal democracy* (pp. 81–104). Routledge.
- Mårdh, Andreas, & Tryggvason, Ásgeir (2017). Democratic education in the mode of populism. *Studies in Philosophy and Education*, 36(6), 601–613. <https://doi.org/10.1007/s11217-017-9564-5>
- McAvoy, Paula, & Hess, Diana (2013). Classroom deliberation in an era of political polarization. *Curriculum Inquiry*, 43(1), 14–47. <https://doi.org/10.1111/curi.12000>
- Mendes, Mariana (2022). ‘Enough’ of what? An analysis of Chega’s populist radical right agenda. *South European Society and Politics*, 26(3), 329–353. <https://doi.org/10.1080/13608746.2022.2043073>
- Menezes, Isabel, Ferreira, Pedro D., Ribeiro, Norberto, & Malafaia, Carla (2019). Schools as democracy labs. In Alexandra H. Licht, Irene Pateraki, & Santi Scimeca (Eds.), *If not in schools, where? Learn and practice democracy with eTwinning* (pp. 11–13). Publications Office of the European Union.
- Moffitt, Benjamin (2016). *The global rise of populism: Performance, political style, and representation*. Stanford University Press.

- Mouffe, Chantal (2000). *Deliberative democracy or agonistic pluralism*. Institute for Advanced Studies.
- Mounk, Yascha (2018). *O povo contra a democracia*. Companhia das Letras.
- Mudde, Cas (2016). Europe's populist surge: a long time in the making. *Foreign Affairs*, 25–30.
- Mudde, Cas (2021). Populism in Europe: An illiberal democratic response to undemocratic liberalism (The government and opposition/Leonard Schapiro Lecture 2019). *Government and Opposition*, 56(4), 577–597. <https://doi.org/10.1017/gov.2021.15>
- Mudde, Cas, & Kaltwasser, Cristóbal Rovira (2017). *Populism: A very short introduction*. Oxford University Press.
- Mursell, James (1955). *Principles of democratic education*. Norton.
- Nathan, Linda F., Mendonca, Jonathan F., & Rojas Ayala, Gustavo (2024). Introduction. In Linda F. Nathan, Jonathan F. Mendonca, & Gustavo Rojas Ayala (Eds.), *Designing democratic schools and learning environments* (pp. 1–14). Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1007/978-3-031-46297-9>
- Nguyen, Christoph G., Salmela, Mikko, & von Scheve, Christian (2022). From specific worries to generalized anger: The emotional dynamics of right-wing political populism. In Michael Oswald (Ed.), *The Palgrave handbook of populism* (pp. 145–160). Palgrave Macmillan.
- Noack, Peter, & Eckstein, Katharina (2023). Populism in youth: Do experiences in school matter? *Child Development Perspectives*, 17(2), 90–96. <https://doi.org/10.1111/cdep.12481>
- Perrenoud, Philippe (2005). *Escola e cidadania: O papel da escola na formação para a democracia*. Artmed.
- Piedade, Filipe, Malafaia, Carla, Neves, Tiago, Loff, Manuel, & Menezes, Isabel (2020). Educating critical citizens? Portuguese teachers and students' visions of critical thinking at school. *Thinking Skills and Creativity*, 37. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2020.100690>
- Piedade, Filipe, Neves, Tiago, Loff, Manuel, & Menezes, Isabel (2023). Emotional and critical citizens: Portuguese students' engagement with wicked issues in contemporary EU policy. *Educational Review*, 1–21. <https://doi.org/10.1080/00131911.2023.2203391>
- Ruitenbergh, Claudia W. (2008). Educating political adversaries: Chantal Mouffe and radical democratic citizenship education. *Studies in Philosophy and Education*, 28(3), 269–281. <https://doi.org/10.1007/s11217-008-9122-2>
- Runciman, David (2019). *How democracy ends*. Profile Books.
- Sant, Edda, & Brown, Tony (2020). The fantasy of the populist disease and the educational cure. *British Educational Research Journal*, 47(2), 409–426. <https://doi.org/10.1002/berj.3666>
- Santana-Pereira, José, & Cancela, João (2020). Demand without supply? Populist attitudes and voting behaviour in post-bailout Portugal. *South European Society and Politics*, 25(2), 205–228. <https://doi.org/10.1080/13608746.2020.1864910>
- Santos, Ary dos (1975). *As portas que Abril abriu*. Oficinas Gráficas da Litografia Lusitana.
- Schulz, Wolfram, Ainley, John, Fraillon, Julian, Losito, Bruno, Agrusti, Gabriella, & Friedman, Tim (2018). *Becoming citizens in a changing world*. International Association for the Evaluation of Educational Achievement (IEA). <https://doi.org/10.1007/978-3-319-73963-2>
- Soares, Ricardo, Ferreira, Pedro, & Malafaia, Carla (forthcoming). What drives young adults' populist attitudes? An analysis of the predictors of populism in Portugal.
- Sousa, Inês, & Ferreira, Elisabete (2024). Students' participation in democratic school management: A systematic literature review. *Journal of Social Science Education*, 23(1). <https://doi.org/10.11576/jsse-6333>
- Thomas, Nancy L., & Hartley, Matthew (2011). Higher education's democratic imperative. *New Directions for Higher Education*, 152, 99–107. <https://doi.org/10.1002/he.418>
- Tiefenthal, Gerrit, & Brandt, Kevin (2022). Learning democracy by encountering “the other”. *Educação, Sociedade & Culturas*, 61, 51–69. <https://doi.org/10.24840/esc.vi61.437>
- Torney-Purta, Judith (2010). The school's role in developing civic engagement: A study of adolescents in twenty-eight countries. *Applied Developmental Science*, 6(4), 203–212. https://doi.org/10.1207/s1532480xads0604_7

- Torney-Purta, Judith, Wilkenfeld, Britt, & Barber, Carolyn (2008) How adolescents in 27 countries understand, support, and practice human rights. *Journal of Social Issues*, 64(4), 857–880. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2008.00592.x>
- Tzankova, Iana I., Albanesi, Cinzia, & Cicognani, Elvira (2021). Perceived school characteristics fostering civic engagement among adolescents in Italy. *Frontiers in Political Science*, 3, 611824. <https://doi.org/10.3389/fpos.2021.611824>
- Ugur-Cinar, Meral, Cinar, Kursat, & Kose, Tekin (2020). How does education affect political trust?: An analysis of moderating factors. *Social Indicators Research*, 152(2), 779–808. <https://doi.org/10.1007/s11205-020-02463-z>
- Valentim, Vicente (2024). *O fim da vergonha: Como a direita radical se normalizou*. Gradiva.
- Weakliem, David L. (2002). The effects of education on political opinions: An international study. *International Journal of Public Opinion Research*, 13(2), 141–157.
- Winnicott, Donald W. (1950). Some thoughts on the meaning of the word democracy. *Human Relations*, 3(2), 175-186. <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/001872675000300203>
- Zembylas, Michalinos (2020). The affective atmospheres of democratic education: Pedagogical and political implications for challenging right-wing populism. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, 1–15. <https://doi.org/10.1080/01596306.2020.1858401>
- Zimmerman, Jonathan, & Robertson, Emily (2017). *The case for contention: Teaching controversial issues in American schools*. University of Chicago Press.